



Volume I – Abril de 2008 - <http://www.revistaexagium.com>

**UM CORPO INUNDADO DE ÓDIO:  
LENDO "O COBRADOR", DE RUBEM FONSECA**

VITOR CEI SANTOS\*

Resumo: Analisa o modo de ser e proceder do conto "O Cobrador", de Rubem Fonseca. O Cobrador, protagonista e narrador do conto, poeta e assassino serial, se alterna na criação de poemas de protesto e na realização de crimes hediondos. Sua missão é cobrar a histórica dívida social brasileira. Sua motivação é o ódio que sente pelas elites. Este *páthos* é o princípio de composição ficcional do conto, a partir do qual toda a fábula acontece. Ódio e violência perpassam todo o processo de estruturação da linguagem do conto, assumindo uma forma estruturante das tensões e contradições sociais.

Palavras-chave: Ódio. O Cobrador. Rubem Fonseca.

Abstract: The article analyses Rubem Fonseca's tale "O Cobrador". The character Cobrador, protagonist and narrator of the tale, poet and serial killer, alternates himself in the protest poems creation and crimes realization. His mission is collecting the historical social debt from Brazil. His motivation is the hate that he feels about the elite. This hate is the composition principle of the tale. Hate and violence include all the structure of the tale, in a form of the social tension and contradiction.

Key-words: Hate. O Cobrador. Rubem Fonseca.

Na leitura do conto "O Cobrador", de Rubem Fonseca, publicado originalmente no livro homônimo de 1979, o leitor não tem conhecimento do nome do personagem principal, que também cumpre o papel de narrador. Na falta de um nome próprio, ele recebe de si mesmo ou da imprensa uma série de epítetos: Poeta, Justo, Bandido Boca Larga, Cobrador, Hecatombe, Vingador, Homem-Pênis e Louco da Magnum. De início, concentremos nossa atenção no epíteto que dá título ao conto.

Por que o Cobrador? Porque, de acordo com o próprio narrador, ele cobra uma dívida. Esta, a nosso ver, pode ser chamada de dívida social brasileira. Desde que os europeus invadiram e colonizaram o Brasil, acumulou-se uma impagável dívida de sangue com os negros e indígenas. Nos primeiros séculos, o Estado e a Igreja, regidos por uma elite escravocrata e patriarcal, subjugavam os negros, indígenas e brancos pobres. Com “espada e vara de ferro”, se governava e catequizava.

Ao longo da história brasileira as maiorias – chamadas de “minorias” - sobreviveram marginalizadas. Já no século XX, nos anos mais sombrios da ditadura militar, a situação era de sufoco e medo: restrição dos direitos civis e políticos, censura prévia, violação dos lares, exílios, prisões arbitrárias, tortura, assassinatos, batalhas inglórias e desiguais entre as forças da repressão e da guerrilha. Em 1974 o general Ernesto Geisel tornou-se Presidente da República e promoveu a chamada “abertura política”. Em 1978, o AI-5 foi revogado e a censura prévia chegou ao fim. Em 1979, ano em que o conto foi publicado, aboliu-se o bipartidarismo forçado e a lei da anistia foi promulgada (beneficiando presos políticos e torturadores). Na época, o sindicalismo promoveu uma greve com a participação de três milhões de trabalhadores de diversas profissões, das cidades e dos campos. Acompanhando o movimento sindicalista, a sociedade civil passou a se organizar em movimentos sociais urbanos, como associações de moradores de bairros, de categorias profissionais e de igrejas, na maioria das vezes em busca de soluções para problemas concretos da vida cotidiana. **(CARVALHO, Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 173-184).**

Como consequência da abertura, os direitos civis, políticos e sociais foram sendo restituídos, mas continuaram beneficiando apenas a parcela mais rica da população. As elites, na descrição do personagem Cobrador, são aquelas que têm os dentes brancos e certinhos, as mãos lisas e o sangue engrossado por caviars e champanhes; se enfeitam no costureiro e no cabeleireiro; votam na Arena; dormem e acordam tarde, só para serem diferentes da corja que precisa dormir cedo para trabalhar de manhã; parasitam e desprezam os que têm que ganhar o pão com o suor do próprio corpo; são deslumbradas de coluna social; em suma, pensam que a vida é uma festa.

Com a voracidade da classe dominante brasileira, a dívida social continuou se expandindo. No Brasil contemporâneo, urbano, cenário preferido das ficções de Rubem Fonseca, a massa invisível vive na mais terrível barbárie: combate à desnutrição e inanição a partir da cata do lixo das elites; morte nos corredores de hospitais por falta de atendimento médico; preconceito sofrido por falta de “boa aparência”; enquanto isso, os colonistas sociais se estarrecem com o crescimento da violência urbana.

O protagonista do conto, um dos credores dessa dívida social, se assume como cobrador da mesma. Ele afirma, de modo fragmentado, em diversos trechos da narrativa, que estão lhe devendo: comida, boceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela, sorvete, bola de futebol, xarope, meia, cinema e filé mignon. Homem cansado de levar porrada na vida, tem o corpo franzino, cheio de cicatrizes e a boca com poucos dentes. Poeta, ele se alterna na criação de poemas de protesto e na realização de crimes hediondos. Irascível e aparentemente alheio aos movimentos sociais que movimentavam o espaço urbano brasileiro na época em que o texto foi publicado, o Cobrador cobra a dívida com as suas

próprias armas: uma Magnum com silenciador, um Colt Cobra 38, um Taurus 38 capenga, uma carabina 12, duas navalhas, um punhal e um facão.

A narrativa começa *in media res*, isto é, numa história que parece já ter um passado oculto, desconhecido, e se desenvolve no presente, num crescente. O cenário é a cidade do Rio de Janeiro (com uma breve passagem por Petrópolis). No início do texto, o protagonista, com dor de dente, narra sua ida ao dentista, onde espera meia hora para ser atendido. O Dr. Carvalho, homem grande, de mãos grandes e pulso forte, "de tanto arrancar os dentes dos fodidos", o atende com descaso. Tal cena é típica na ficção de Rubem Fonseca. No texto *Intestino grosso*, em que um jornalista entrevista um escritor (possivelmente um *alter ego* de Fonseca), este comenta:

[...] os meus livros estão cheios de miseráveis sem dentes. [...] O que falta, sempre, é dentes. A cárie surge, começa a doer, e o pilantra, afinal, vai ao dentista, um daqueles que tem na fachada um anúncio de acrílico com uma enorme dentadura. O dentista diz quanto custa obturar o dente. Mas arrancar é bem mais barato. Então arranca doutor, diz o sujeito. Assim vai-se um dente, e depois outro, até que o cara acaba ficando somente com um ou dois, ali na frente, apenas para lhe dar um aspecto pitoresco e fazer as platéias rirem, se por acaso ele tiver a sorte de aparecer no cinema torcendo para o Flamengo num jogo com o Vasco. (FONSECA, *Intestino grosso*. In: *Feliz Ano Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 164).

Os dentes, em princípio atributos naturais de todo ser humano, independentemente de etnia ou classe social, transparecem o status social do indivíduo. O banguela, enquanto caricatura, representa o ser humano deformado, de aparência considerada grotesca e cômica. Semelhante a uma máscara das antigas comédias gregas, o rosto de uma pessoa banguela é disforme, mas sem expressão de dor, provocando o riso.

Na narrativa, o dentista anestesia a gengiva do protagonista e usa um boticão para arrancar o dente que estava com a raiz podre. Ao fim da operação, o Dr. Carvalho cobra quatrocentos cruzeiros. O personagem diz que não tem dinheiro e tenta sair sem pagar, ao que é impedido pelo dentista, que bloqueia a porta com o corpo. O narrador reage:

Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38 e perguntei com tanta raiva que uma gota do meu cuspe bateu na cara dele – que tal enfiar isso no seu cú? (FONSECA, **O Cobrador. In: 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 273**).

O Cobrador “alivia seu coração” destruindo todo o consultório e dando um tiro no joelho do dentista. “Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!”, afirma o narrador (FONSECA, **O Cobrador. In: 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 273**). Desde o início o caráter violento e irascível do personagem é revelado por suas palavras e ações.

O ódio que o Cobrador sente em relação às elites brasileiras é o princípio a partir do qual toda a fábula acontece. Poderíamos afirmar que o ódio é o princípio de composição ficcional do conto *O Cobrador*. Este páthos é analisado por Aristóteles no segundo livro da *Retórica* (ARISTÓTELES, **Retórica das paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2000**).

A retórica, *téchne* que se dedica ao domínio do discurso em todos os seus níveis, tendo em vista obter-se uma maximização dos seus efeitos sobre o público, pode dispor o receptor em determinados *páthos*, dentre eles o ódio. Lembremos que a *Retórica* do estagirita não é um simples conjunto de regras que constituem a técnica da eloquência, mas sim um tratado de filosofia. Segundo o próprio Aristóteles afirma, na *Poética*:

O que respeita ao pensamento tem seu lugar na retórica, porque o assunto mais pertence ao campo desta disciplina. O pensamento inclui todos os efeitos produzidos mediante a palavra; dele fazem parte o demonstrar e o refutar, suscitar emoções (como a piedade, o terror, a ira e outras tais) e ainda majorar e minorar o valor das coisas (**ARISTÓTELES, Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 460**).

*Páthos*, palavra grega que pode ser traduzida por paixão ou disposição, remonta ao verbo *páskhein*, sofrer, suportar, agüentar, indicando um humor que nos afeta e arrebatando, dispondo-nos em um modo de ser e estar a partir do qual interpretamos a realidade. As paixões, seja embaçando ou aguçando nosso olhar, fazem variar nossos julgamentos e nossas ações, podendo até mesmo exceder à razão. De acordo com Aristóteles:

[...] com efeito, para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser a mesma que para aquelas que odeiam, nem, para os dominados pela cólera, as mesmas que para os tranqüilos, mas elas são ou totalmente diferentes ou de importância diferente; aquele que ama tem por certo que a pessoa sob julgamento ou não pratica ato injusto ou comete delitos de pouca importância, e aquele que odeia tem por certo o contrário [...] (**ARISTÓTELES, Retórica das paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 03**).

O ódio é um *páthos* de aversão intensa motivada por raiva e injúria sofrida. Segundo Aristóteles, tem como causas principais o ultraje e a cólera. O ultraje consiste em ofensa ou afronta por motivo de afirmação injuriosa ou violação de leis e regras. A sociedade brasileira é repleta de injustiças que violam os direitos de cidadania e afrontam a maioria da população, proporcionando motivos para o ódio do Cobrador. A cólera, por sua vez, é o desejo de vingança contra algum indivíduo, por motivo de desprezo, ultraje ou desgosto. Este *páthos* é promovido pelo desgosto com a impossibilidade de se realizar um desejo. O colérico se volta contra quem o priva de seu objeto de desejo, ou ainda contra aqueles que são indiferentes em relação aos seus desejos. Nas palavras de Aristóteles:

A cólera é o desejo de causar desgosto, mas o ódio, o de fazer mal, visto que o colérico quer notar o desgosto causado, enquanto ao que odeia nada importa. [...] O primeiro poderia sentir compaixão em muitas circunstâncias, mas o outro, em nenhuma; um deseja que o causador de sua cólera sofra por seu turno, enquanto o outro, que ele desapareça (**ARISTÓTELES, Retórica das paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 29**).

Se o colérico volta-se sempre contra um indivíduo que lhe causou o mal, quem odeia volta-se também para classes de pessoas. Aristóteles esclarece que o ódio contra um indivíduo pode surgir mesmo sem nenhuma ligação pessoal, desde que a pessoa participe de uma classe a qual se deseje o mal.

O personagem busca uma alternativa de sobreviver ao violento processo civilizatório capitalista: “[...] Quando não se tem dinheiro/ é bom ter músculos/ e ódio”, o narrador declama em um de seus poemas (**FONSECA, O Cobrador. In: 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 277**). No contato com as classes dominantes, o corpo dele se inunda de ódio: “Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima” (**FONSECA, O Cobrador. In: 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 278**). Visto que o ódio, incurável, só pode ser apaziguado com o fim daqueles a quem se odeia o Cobrador deseja a extinção dos ricos: “Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles” (**FONSECA, O Cobrador. In: 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 277**). Para aliviar seu coração, o Cobrador “faz justiça” com o uso de violência.

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar – dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gíngas e saltos, como um selvagem, ou um

macaco (FONSECA, *O Cobrador*. In: **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 281).

A partir da experiência da violência, o personagem é possuído por uma catarse que opera na transformação de suas emoções, tornando-o aliviado e eufórico, purificando-o do ódio. Após a purgação desta afecção, o Cobrador pode exercitar seu perfil de homem “justo”. Em uma passagem do texto, sob a identidade de poeta, ele recita seus poemas para uma mulher com quem faz sexo. Identificada apenas como uma Coroa que o apanhou na rua, ela é pobre, mora com sacrifício num quarto e sala, tem o corpo flácido e enrugado, parecendo “gelatina estragada com pedaço de fruta podre”. Ele pensa em esganá-la, mas desiste, pois ela é apenas uma infeliz. “Sou justo”, conclui o narrador (FONSECA, *O Cobrador*. In: **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 276). Em outra passagem, desta vez sob a identidade de inquilino, ele atua como enfermeiro da proprietária do sobrado onde mora. Dona Clotilde, hipocondríaca, o trata como um filho: “Você caiu do céu, meu filho, foi Deus quem te mandou, ela diz” (FONSECA, *O Cobrador*. In: **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 281). Na saída de uma pelada jogada no aterro, ele dá um cachorro-quente e um refrigerante para um pobre banguela cujas gengivas, de tanto uso, são afiadas como navalhas. Em troca ele recebe o exemplar de um jornal cuja manchete dizia: “Polícia à procura do louco da Magnum” (FONSECA, *O Cobrador*. In: **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 283). Os crimes do narrador passam a ser reconhecidos pela imprensa e pela sociedade.

Se o ódio arrefece devido à purgação, o narrador tem uma estratégia para que o *páthos* volte: “Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da

televisão e em pouco tempo meu ódio volta” (FONSECA, *O Cobrador*. In: **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 275).

Apesar do ódio que sente pelos ricos, o narrador se apaixona por uma moradora da orla de Ipanema. Ana, ex-bailarina, tem a pele clara, o corpo bonito, esbelto, os cabelos pretos são finos e tratados, a boca é bonita e os dentes são brancos. O que, de imediato, parece uma incoerência do narrador, pode ser compreendido como uma vingança ou retaliação. O encontro dos dois acontece na praia, local verossímil, pois lá as indumentárias sociais de ricos e pobres se assemelham.

Ana recebe do narrador a alcunha de Palindrômica. O adjetivo se refere à palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para a direita ou vice-versa como, por exemplo, o próprio nome Ana. Este é o motivo explícito no discurso do narrador. Por outra perspectiva, no vocabulário médico, palindromia significa a reincidência ou o agravamento de uma doença. Sendo a palavra doença - patologia - compreendida como a alteração do estado de espírito ou do ânimo, num desvio em relação ao que é considerado como o estado normal, num sentido próximo ao de *páthos*, a doença do Cobrador é o ódio. E Ana, quando aparece na história, muda o curso dos acontecimentos. Esta é a função narrativa da personagem.

De certo modo, Ana supre as carências que ele sente. “Minha vida não tem sentido, já pensei em me matar, ela diz” em uma conversa com o narrador ocorrida num restaurante grã-fino de Petrópolis. A índole suicida pode ser compreendida como uma insatisfação profunda em relação ao modo de vida dos ricos. A ambigüidade de palíndromo e palindromia são centrais para a compreensão do texto. Do encontro entre

Cobrador e Ana Palindrômica, da união entre amor e ódio, os dois personagens adquirem um grau mais elevado de consciência, fato que lhes permitem compreender que é preciso lutar para reverter a situação de miséria causada pela lógica perversa do sistema de distribuição das riquezas sociais, que jamais contemplou a maioria da população. Nas palavras do narrador:

Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fudido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei (FONSECA, *O Cobrador*. In: **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 285).

A dupla, dependendo da perspectiva do leitor, pode ser vista como revolucionária, guerrilheira ou terrorista. De todo modo, a partir de uma imagem figurativa do mundo, os personagens transgressores constituem as figuras por meio da qual Rubem Fonseca acena para a realidade violenta em que vivemos.

No Rio de Janeiro, cidade guardada por morros favelizados que constituem Estados paralelos, existe um grande número de cobradores em potencial ou até mesmo de fato. Os elementos da violência pura e simples estão onipresentes e sempre no ponto de entrar em ação. Na leitura do conto, o leitor apreende o *ethos* da violência que permeia a sociedade brasileira contemporânea. Ódio e violência perpassam todo o processo de estruturação da linguagem literária, assumindo uma forma estruturante das tensões e contradições sociais.

## **REFERÊNCIAS**

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Trad: Eudoro de Souza.

\_\_\_\_\_. Retórica das paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Trad: Isis B. B. da Fonseca.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FONSECA, Rubem. O Cobrador. In: 64 contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Intestino grosso. In: Feliz Ano Novo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

---

\* O autor é bacharel em Filosofia e mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).